

O SÍTIO FUNDÃO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, NATURAL E CULTURAL DA CIDADE DE CRATO: NARRATIVAS DE ANTIGOS MORADORES

Carlos Leonel de Alencar ¹
Paula Cristiane de Lyra Santos ²

RESUMO

O Sítio Fundão é um Parque Estadual desde o ano de 2008, quando passou por um processo de tombamento dos seus bens históricos, vindo a se tornar a partir do decreto estadual nº 29.307 uma reserva ambiental. Este se encontra localizada na cidade de Crato - CE. O Parque possui diversas riquezas naturais, uma flora e fauna variada, sítios arqueológicos, edificações históricas como a casa de taipa, e um engenho de pau do século XIX, uma barragem de pedra, o que o tornou um Patrimônio Histórico, Natural e Cultural do município. Neste artigo através das narrativas de antigos moradores do Sítio Fundão identificamos que o Sítio foi vendido por ser uma área abrangente e por falta de segurança na propriedade. O local era frequentado por diversos moradores da cidade e da região do Cariri Cearense, servia como espaço de lazer e também para pesquisas científicas. Os visitantes podiam usufruir das frutas que se encontravam no sítio, desde que preservassem o ambiente, e não realizassem a atividade da caça. Atualmente o Parque Estadual Sítio Fundão passa por diversos problemas, desde a falta de segurança, como da manutenção das edificações históricas, e da preservação da mata, desta forma, há uma necessidade que o Estado seja mais presente para manutenção dos bens materiais existentes na reserva.

Palavras-chave: Sítio Fundão; Narrativas; Patrimônio Histórico, Natural e Cultural

INTRODUÇÃO

O Sítio Fundão atualmente é um Parque Estadual, e este se encontra localizado na cidade de Crato na região sul do Ceará, com uma distância de 4 km do centro do município, e de 542 km de Fortaleza a capital cearense. “O imóvel Sítio Fundão foi transformado em Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral pelo Governo do Estado de Ceará, através do Decreto nº 29.307, de 05 de junho de 2008 (FERNANDES, 2017, p. 208). Isto ocorreu porque a área apresentava condições para a criação de um parque urbano devido ao patrimônio natural e histórico-cultural de relevante importância para o município que aí se encontra.

Por outro lado, vemos que o estudo das questões locais e ambientais, possibilita o conhecimento da história do lugar que se está inserido, como também propicia o resgate da

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, alencar28024@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora, Universidade Regional do Cariri - URCA, paulalyrasantos@gmail.com.

memória histórica cultural, assim também como a identificação da importância do meio ambiente, e o porquê da sua preservação, podendo servir como uma base de conhecimento para o processo de ensino- aprendizagem da educação ambiental.

Imagem 1- Trilha do Parque Estadual Sítio Fundão



Fonte: Arquivo pessoal Família Alencar

Atualmente o Sítio Fundão tem grande relevância para a cidade, ou mesmo para a região do Cariri Cearense e além das fronteiras regionais, se configurando como Parque Estadual, onde recebe diversos turistas, estudantes, e mesmo pessoas do município.

Dessa forma, a problemática que percorre esta pesquisa é compreender através das narrativas de antigos moradores o porquê do Sítio Fundão localizado no município do Crato, no estado do Ceará, ter passado por um processo de tombamento dos seus bens.

A justificativa afetiva para essa temática deve-se a grande ligação dos meus familiares, a família Alencar com o Sítio Fundão, pois pertenceu ao patriarca, o meu avô o senhor Jefferson da Franca Alencar. O lugar fez parte da minha infância e da minha adolescência, portanto o lugar faz parte da minha história, e das minhas memórias. Ainda tem como relevância contribuir como uma reflexão a respeito da importância da relação da história e da preservação ambiental.

O objetivo geral é analisar e compreender a importância do Sítio Fundão, através das narrativas de antigos moradores antes da realização de sua venda e conseqüentemente da sua transformação em Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral. Os objetivos específicos seriam conhecer a história patrimonial do Sítio Fundão no município de Crato-CE, identificar o processo de transformação de tombamento dos bens materiais e refletir sobre o processo de preservação do mesmo.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, a partir do momento que se preocupa com questões da realidade em que não se dispõe de dados quantificados, ou seja, trabalha-se com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais amplo das relações dos processos e dos fenômenos. Refere-se também a um estudo documental e bibliográfico, sendo também estudo de cunho de campo.

Foram utilizados como base da pesquisa documentos fornecidos pela prefeitura municipal da cidade de Crato- CE. Utilizou-se também de um celular para a produção de imagens e áudios de gravação das entrevistas, com os antigos moradores do Sítio Fundão. Foram realizadas entrevistas semiestruturada que tem, de acordo com Triviños (1987), como característica questionamentos básicos. A entrevista semiestruturada favorece não apenas a descrição dos fenômenos sociais, mas trás explicações e a compreensão de sua totalidade do objeto de estudo, mantendo a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações do estudo.

A amostra da pesquisa foi composta por dois (2) antigos moradores do Sítio Fundão, sendo os mesmos da família de Jeferson da Franca de Alencar os últimos residentes da propriedade. Os sujeitos da pesquisa possuem idade de 71 e 85 anos, sendo um do sexo masculino e outra do sexo feminino. As profissões dos mesmos são a de radialista e ambientalista, e de aposentada. As entrevistas foram realizadas na residencia de cada um dos entrevistados, nos dias 30 de Junho e dia 02 de Julho de 2019. Importante ressaltar que antes das entrevistas foram explicados a cada entrevistado os objetivos da mesma, e foi entregue o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento que foi assinado por os participantes.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente se faz necessário compreender o que significa patrimônio cultural. Partimos para a conceituação de patrimônio como sendo o mesmo, parte constituinte de uma característica relevante de uma sociedade, ou povo, e a sua preservação feita em nome de um bem comum, sendo o mesmo em sentido material ou imaterial.

No Brasil de acordo com o exposto no Artigo 216º da Constituição Federal de 1998:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os

conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (SILVA, 2018, p. 20-21).

Percebemos assim que patrimônio refere-se a um conjunto de bens materiais ou não, ou ações, entre outras situações, que possam ser consideradas como tal, e passíveis de serem protegidos, como um meio de preservação da história e das identidades. Ao falarmos em patrimônio geralmente associamos a cultura, que é por sua vez relevante para a compreensão do passado, e que torna viva a função de transmissão da memória. Desse modo, o Sítio Fundão se enquadra como patrimônio histórico, natural e cultural.

Acerca da sua história, esse pertenceu ao Senhor Jefferson da Franca Alencar. Enquanto propriedade fundiária este possuía uma área de 123 hectares, mas atualmente possui apenas uma área de mata verde de 93 hectares, pois uma parte da propriedade foi vendida para uma indústria de calçados.

Como já referido este é uma área rica de biodiversidade. O Sítio é cortado pelo Rio Batateiras e tem uma fauna silvestre variada. Possui um engenho de madeira, conhecido também como engenho de pau, uma casa de taipa diferenciada pela sua arquitetura, uma barragem de pedra que foi construída nos fins do século XIX (SECULT, 2012).

O engenho é do início do século XX, no ano de 1904, foi construído pelo pai de Jefferson de Franca Alencar, mantido em funcionamento até o ano de 1944. Esse possuía uma arquitetura diferenciada. Chamado de engenho de pau, sendo o único existente na região do Cariri Cearense. Trata-se de um marco da época, pois a cana de açúcar teve um papel fundamental na economia local, antes mesmos dos surgimentos das usinas de açúcar.

Tornou-se obsoleto na década de 40 com a chegada de instrumentos e equipamentos industrializados nos engenhos de açúcar, começando a se expandir na região do Cariri Cearense, e na região do Nordeste, e em outras regiões do país, que substituíram a rapadura na dieta alimentar das populações rurais nordestinas. Atualmente seu estado de conservação é bastante precário, no entanto, as peças fundamentais ainda estão no sítio o que poderia facilitar a sua restauração (ARARIPE, 1986; DIAS, 1996).

Sobre a casa de taipa, essa foi construída pelo Senhor Jefferson para um dos seus filhos. A casa se difere das outras por possuir uma arquitetura diferenciada para época.

A casa de taipa, com pavimentos, se destaca pela a raridade do modelo construtivo, pois, não há notícia de exemplar como está na região. Construída em taipa, alpendre elevado, piso superior em madeira, podemos dizer tratar-se de um *sobrado* se nós considerarmos o significado primitivo do termo “espaços sobrado ou ganho devido a um assoalho suspenso” um alpendre se destaca pela altura incomum do teto, feito pelo prolongamento da cobertura de telhas, avançando pra fora da parede mestra da casa,

apoiada por quatro linhas de madeira, roliças, sem tratamento, com funções de colunas nas construções rurais cearenses, porém, consegue cumprir bem o papel de sombrear a parede da frente onde estão instaladas onze janelas - 6 no térreo e 5 no vão superior e, assim, resfriar o ambiente interno (LEMOS, S/D, p. 32).

Por ter estrutura incomum a sua existência é bastante importante para a preservação da memória histórica da época, servindo como conhecimento acerca da história local e como uma atração turística.

Acerca da barragem de pedra de cal, estima-se que foi construída para represar águas de trecho do Rio Batateiras, as águas são bastante utilizadas pelos lavradores da região. Presumivelmente a barragem foi construída para de aproveitar melhor o rio, e ação da força das águas de algum inverno. Segundo Silva e Pereira (2005) a barragem de pedra e cal foi “erguida por ordem do imperador D. Pedro II, cujos trabalhos foram executados por negros e escravos. Na certa, uma obra da grande seca de 1877 que servira para represar a água necessária aos habitantes daquela área” (2005, p. 2). A barragem de pedra ainda armazena as águas das chuvas, e comumente ajuda na preservação de alguns animais da região, e servindo de lazer para os visitantes.

O Sítio Fundão tornou-se Unidade de Conservação de Proteção Integral através de um processo de tombamento dos bens históricos existentes dentro da propriedade, esse processo se iniciou no ano de 2007, e se concretizou no ano de 2008, recomendado pelo Instituto Histórico Artístico Nacional – IPHAN, pois os bens situados no interior desse Sítio foram constatados como sendo de grande importância para efeito de preservação, devido a isto o tombamento pelo instituto foi em nível estadual (SECULT, 2012).

Em relação à questão ambiental, de acordo com o Governo Estadual, juntamente com o Conselho de Políticas e Gestão do Meio Ambiente, afirmam que o Sítio Fundão possui uma série de qualidades, como uma flora e fauna de valor científico, ostenta ainda matas típicas do estado, recebe o corpo d’água de inestimável valor para a comunidade, apresenta fauna silvestre variada, registra ocorrências de sítios arqueológicos e uma rica biodiversidade de variadas espécies remanescentes de mata atlântica (SECULT, 2012). Ou seja, reúne todos os elementos de uma reserva florestal, e hoje, é protegido por lei garantindo a preservação dessas riquezas naturais da região.

As florestas existentes no sítio possuem diversos tipos de árvores frutíferas e também plantas medicinais como a imbrica e o toré entres outras, o sítio tem coqueiros anão, babaçu, jaca, pequi, jambo, abacate, cajá, fruta pão e etc. (GERRAS, 1999). Observe-se que nem todos

os espécimes citados são de origem local, mas foram incorporados durante o processo de ocupação da área como o abacate.

De acordo com Silva e Pereira (2005) as espécies de plantas encontradas na propriedade possuem utilidades na marcenaria, medicina caseira, produção de óleos e culinária local. Estas são atividades dos saber local e popular. Estas são aproveitadas desde as folhas até os frutos madeira, raízes e cascas. Mesmo com tanto valor financeiro os recursos naturais do sítio não são utilizados para fins lucrativos, e eram preservados por seus herdeiros que tinham a preocupação com os riscos de incêndios e depredação por partes de transeuntes.

O Parque Estadual Fundão atualmente passa por diversas dificuldades em termos de segurança e preservação da propriedade, por ser uma área extensa, necessita que o Estado dê mais atenção ao local, pois é rico em biodiversidade, um acerco natural importante para a região, que deve ser preservado de fato e não só de direito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As concepções acerca do estudo em questão serão narradas através de antigos moradores do Sítio Fundão. O senhor Raimundo de Alencar e Souza e sua tia a senhora Angelita Leão de Alencar, os depoentes aqui apresentados são familiares do antigo proprietário o senhor Jefferson da Franca Alencar, já falecido. Raimundo era neto e a outra entrevistada Angelita era filha do mesmo.

Imagem- 2:



Fonte: Arquivo pessoal Família Alencar

Imagem- 3:



Fonte: Arquivo pessoal Família Alencar

Na imagem 2 temos o senhor Raimundo, e na imagem 3 temos a senhora Angelita e seus irmãos respectivamente no Sítio Fundão. Como início da conversa foi perguntando aos mesmos quanto tempo estes residiram no Sítio Fundão:

Raimundo-“Eu morei, porque quase eu nasço por lá, mas desde do meu nascimento e ainda criança eu tava [*sic*] lá pelo Fundão, eu morei mesmo lá fora dos meus pais, eu morei com meu avós e meus tios, eu morava com eles no sítio, então meus pais moravam na cidade, mas eu morava com eles meus avós [...] daí eu comecei a estudar mas mesmo eu já estudando jovem, eu estava com eles por lá, sempre continuei com eles até os dias de hoje eu tô [*sic*] fora agora porque nós vendemos entregamos”.

Angelita- “Nasci e me criei lá, até 74 anos”.

Desse modo, os moradores viveram anos nessa propriedade e de fato permaneceram morando no Sítio até a venda o que torna os dois depoentes informantes privilegiados para o resgate das questões em questão.

A segunda pergunta foi para saber o que levou à venda do Sítio Fundão. Vejamos as respostas dos entrevistados:

Raimundo- “Com a morte do nosso avô, do ecologista Jefferson da Franca Alencar não existia mais condições da família está com uma área na época, era 127 hectares porque ninguém tinha projeto para o Fundão, os filhos de Jefferson da Franca Alencar foram fazer a sua vida fora do Fundão [...] também as ramificações de netos essas coisas não se interessavam por projetos dentro do Fundão. As dificuldades eram grandes, os impostos altos também, e estávamos cercados pelos quatro canto já com povoação, bairros criados e com dificuldade muito grande por invasão de roubos de madeiras. Então a gente estava isolado. Foi uma área que ficou protegida até quando podíamos né, e que valorizava muito a cidade, porque tinha a atividade quando nosso avô era vivo. Tinha atividade da cultura da banana, da manga, da goiaba, das frutíferas né. Existia esse comércio e o respeito que a praça tinha quando recebia produtos do Fundão que era coisa que Jefferson da Franca Alencar tinha de que não colocava carbureto. Essas coisas as frutas eram bastantes naturais e saudáveis, então tinha uma grande aceitação quando se dizia que as frutas era do fundão, pronto era negocio feito. Então assim aí não tivemos mais condições de tocar a reserva, com a morte do meu avô ficou só a nossa tia Angelita morando no fundão sozinha, era a uma preocupação muito grande da família, ela não queria arrear o pé, ela não queria sair de lá, as raízes, o amor que ela tinha ali pelo fundão predominava ali naquele lugar[...] a primeira cogitação da venda do Fundão veio através da reitora da URCA, a primeira ideia de ali se tornar um parque.[...] passamos a se reunir lá no IBAMA com a autoridades local, a gente se reunia pra discutir a venda do Fundão para o Estado, e essa ideia se concretizou [...]”.

Angelita - “Porque o que houve foi o seguinte com a morte de papai fiquei sozinha lá no sitio né, e a própria família, minha família a gente se comunicou fez uma reunião vendo que eu não podia permanecer lá por mais tempo, devido a invasão na propriedade. Eu não tinha com quem ficar, porque quando tinha mais pessoas comigo, aquele grupo de pessoas que era maior era uma coisa diferente, depois que ele morreu era Izolita que ficava fazendo isso, mandava os meninos para atividades, ia alguns para trabalhar pra me ajudar a fazer alguma coisa e ficou nisso, a gente já pensava em fazer isso mesmo, vamos vender isso aqui chegou o momento, vamos vender nem que seja numa importância menor, mas pelo menos a senhora sai daqui vai cidade compra uma casa, faz como a senhora quiser. Aqui a senhora não pode permanecer devido justamente a falta de segurança. Então a causa foi essa de a gente vender a propriedade, invadiam tirava madeira, invadiam dentro do sítio tiravam as frutas, quer dizer que era uma invasão e eu não tinha condições também, nem eles também porque era empregados e não tinha como vigiar então o meio era esse vender fazer a divisão da importância com os herdeiros”.

Como visto acima a venda do Sítio Fundão foi ocasionada pelo fato de se encontrar apenas uma moradora na propriedade, e por ser uma área abrangente a mesma não poderia continuar no lugar pela falta de segurança no local, e os saques na propriedade. Dessa forma, buscaram um meio para que a propriedade fosse vendida para o Estado, com intuito de tornar-se uma reserva ambiental para preservação do ambiente e da memória daquele lugar.

Ao serem indagados sobre se os moradores do entorno do Sítio Fundão faziam uso do mesmo, e quais seriam esses usos, as respostas dos entrevistados foram as seguintes:

Raimundo- “Sim, não só os moradores vizinhos, faziam uso fruto do banho da propriedade em termo de passeio de lazer. Acidade, o Fundão na época, ele era o Itaytera, ele era o Serrano, ele era o Granjeiro. Os clubes de recreação era o Fundão, não existiam esses clubes há tempos atrás, então era lá. E lá foi onde meu avô fez muitas amizades, do pobre ao rico; do analfabeto ao formado ele fez grandes amizades, porque ele recebia toda essa população havia um respeito muito grande pela propriedade em forma de não destruição sabe, e não era invasão. Porém, uma coisa se consolidou, as amizades e o respeito, e o prazer das pessoas irem tomar banho, porque na época tinha muita água no rio batateiras sabe, tinha poços profundos para as pessoas tomarem banho e ficarem a vontade e assim era área de lazer do Crato era o Fundão. E lá ele vendia as frutas deles e dava também, se as pessoas chegavam lá sem dinheiro ele dava a fruta pra pessoa comer como trazer, quem queria comprar comprava, quem queria de graça ele dava. Agora existia um respeito como falei pra você, porque as pessoas que iam visitar ele de já sabiam de como ele era cuidadoso com a reserva, então assim ele não queria que ninguém derrubasse uma manga do pé, mas ele dava, as mangas que as pessoas iam invadir e derrubar, ele já dava pra você não fazer isso então, já era uma consciência que já existia no visitante, de que de respeitar e saber que ele dava pra não derrubar, então era isso. Mas tinha uma passagem muito interessante porque ele como ecologista a frente do seu tempo da época, a preservação dele com sítio e com os animais era grande, por exemplo ele não permitia caçadores pra matar os bichinhos e quando ele queria comer o tatu que ele tinha em abundancia, ele caçava o tatu apenas para se alimentar. Não existia que eu digo espingarda pra matar e caçar [...] E não existia segurança, os seguranças era nós da família que estava por lá, então era assim o respeito e a interação com a população”.

Angelita- “Sim, nós tínhamos vizinhos de terra proprietários de terra também tá, mas não era moradores de papai, não era moradores do sítio, as pessoas que nos ajudavam lá era pessoas que moravam em outras localidades na cidade. Eu fui a ultima morada da propriedade na casa de taipa”.

Através das falas, percebemos que o local era bastante frequentado pela população, servindo como fonte de lazer de muitos moradores da cidade, e para estudos científicos onde o patriarca da família deixava claro que podiam entrar na propriedade e realizar suas pesquisas. As pessoas podiam se beneficiar das frutas da propriedade para se alimentar desde que preservassem a flora a fauna que havia naquele local, não era permitindo a presença de caçadores.

Imagem 4 - Jefferson da Franca Alencar



Fonte: Arquivo pessoal da Família Alencar

Dias (1996) ressalta que Jefferson da Franca declarou o desejo que o sítio fosse tombado, chegando a afirmar que o venderia a qualquer preço para que continuasse sendo preservado. O sítio sempre foi lócus para pesquisa acadêmicas, servindo para projetos realizados pelo Departamento de Ciências Físicas e Biológicas da URCA, e em parceria com outras universidades.

Dando continuidade ao estudo perguntamos, qual era a importância do Sítio para a cidade de Crato, antes da transformação do Sítio Fundão, em reserva de Unidade de Conservação. As opiniões dos entrevistados foram:

Raimundo- “Primeiro como uma área ambiental né uma reserva, que tava [sic] preservado que produzia oxigênio, produzia estudos porque meu avô, nosso avô, ele abriu as portas do Fundão para Universidade Regional do Cariri e lá ficou uma sala, uma extensão de uma sala da universidade para os alunos. Ele abriu as portas da reserva para receber estudantes, então era de uma importância muito grande, uma cidade com uma área razoavelmente satisfatória de preservação, e cada vez mais a especulação imobiliária avançando pelas laterais do Fundão, mas ficou preservado então era de grande valia para município como é até hoje”.

Angelita- “Sempre papai deixou muito aberto aqui pra URCA, tudo [sic] que a URCA queria eu chegava lá pronto pode entrar fazer pesquisas, frequentar, pode vim grupo de pessoas pra fazer pesquisa também fazer pesquisa, e mesmo que não fosse pesquisa também podia entrar por lá, por lazer ou alguma coisa qualquer, tudo isso foi aberto, pra o pessoal da cidade alguns amigos, mas não tinha uma coisa assim a não ser a moradia, pra alguns amigos a frequência que gostavam de lazer”.

Percebemos através das respostas que o senhor Jefferson da Franca Alencar, antigo proprietário deixava que o sítio fosse visitados por todas as pessoas que tivessem interesse em conhecer o lugar, e cedia o espaço para pesquisas científicas, e para lazer da população da cidade, e que, os seus filhos e netos continuaram com seu legado voltado à preservação ambiental.

E continua sendo bastante frequentando, de acordo com Fernandes (2017), apresenta potencial de crescimento por possuir vários elementos ambientais que são atrativos, como as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

trilhas, o rio batateiras que percorre na reserva, o geosítio, a mata que possui uma flora e fauna abrangente, e também as edificações históricas. Esses elementos corroboram de modo positivo, servindo de atração turística, para a visitação de estudantes e pesquisas científicas gerando um efeito de desenvolvimento de ações conservacionista.

Continuando os questionamentos, foi perguntado o que é o Parque Estadual Sítio Fundão para eles atualmente. Vejamos as respostas:

Raimundo- “Pra mim é a continuidade da preservação, porém com algumas restrições em relação aos cuidados e as responsabilidades que o Governo deveria ter e não teve, quando comprou era projetos e nem existia projetos e simplesmente comprou e abandonou então, em 2009 pra 2010 houve uma destruição muito grande dentro da reserva, onde destruiu a casa de taipa que quer dizer edificações históricas foram destruídas muita madeira roubada ficou um descaso, foi aí que eu pela primeira vez entrei com um pedido ao Ministério Público [...] daí chamaram atenção do Estado através de uma audiência pública para se discutir Fundão e as responsabilidades do Estado, porque estavam destruindo o parque [...] aí foi que de imediato quando foi chamada a atenção do Estado para suas responsabilidades, e vieram representantes do Estado foi que e eles passaram a fazer um projeto de ultima hora entendeu, e tanto é que desses projetos esqueceram a barragem de pedra do rio batateiras, feita pelos escravos né, um feito de serviço que Dom João assinou, e esqueceram deixaram de fora, foi que eu disse olha vocês esqueceram são três edificação históricas, é o engenho secular à tração animal não sabemos a data, mas é secular, e a casa de taipa de primeiro andar que eles tinham a data, que foi na época dos anos 50, e a barragem de pedra né, feita pelos escravos a margem do rio batateiras sei que daí começou o Estado a tomar de conta em 2012 quando houve a audiência pública.”

Angelita- “Eu sai de lá no dia 01 de setembro de 2007 e nunca voltei mais lá, fiquei por aqui, assisti alguma coisa assim, aí nunca me interessei muito, porque eu vi logo que a coisa vendemos com interesse de ser preservado aí não foi pronto, nós já vendemos lá, vamos se contentar em ficar por aqui. As vezes me perguntam porque você não vai, porque não me sinto bem e aquilo que os olhos não veem o coração não sente. E acho que era pra ser uma coisa muito melhor, pelo que eu vejo falar muito desassistido inclusive minha irmã que foi lá participar e disse que não tinha uma foto de papai, nada nada [*sic*] que pudesse haver uma certa descrição, que ele mostrasse afinal quem tinha sido esse proprietário uma pessoa honesta que tinha seus valores, mas não existia nada, não a nada que possa segundo foi me informado desse jeito, nem se quer uma foto, foi as conversas, as promessas, os compromisso era pra ser bem melhor, só um vigia de 97 hectares desassistida totalmente, acho muito que devia ser muito melhor, mostrando a verdade quem era esse proprietário, que tanto trabalhou, que tanto fez juntamente com a família naquela área de terra aquela propriedade.”

Assim os mesmos mostram-se insatisfeitos pelas medidas adotadas pelo Estado em relação à preservação da mata, como também a manutenção dos bens materiais existentes no Parque. Ressalta a falta de segurança, fato este que ocasionou a perda do engenho, uma das edificações históricas importantes que conta a história cultural daquela época.

Ao serem indagados como se sentiam ao saber que a sua antiga propriedade hoje Parque Estadual Sítio Fundão, vem sofrendo diversos ataques por partes de vândalos.

Raimundo- “Como eu falei em 2010 desde quando receberam os ataques já vinham surgindo, com a intervenção do Ministério Público foi que resolveram tomar conta, daí não tinha o cercamento, aí cercaram toda área depois veio à segurança aí e houve uma parada nas invasões, mas depois voltaram a abandonar, e até hoje as deficiências das responsabilidades do Estado, está faltando lá no parque, só todas as benfeitorias do parque nenhuma é de espontaneidade do Estado, todas foram provocadas pelo Ministério Público e se continuou e continuamos até hoje quando falto com suas responsabilidades eu aciono o Ministério Público, a casa de taipa é a que fica sempre sofrendo a deterioração e a gente chama pra isso, o engenho foi abandonado dentro desses projetos todos do Estado. [...] E hoje o Estado tem faltado com a reserva [...] e com o tempo muitas promessas para resgatar o engenho, e ficaram numa foi deteriorando chuva e sol a cada ano, e o restante do telhado que tinha caiu em 2009 ficou desprotegido, mas o núcleo do engenho tava[sic] salvo faltava cobertura e cuidados, e eles foram enrolando, enrolando[sic] por falta de segurança o engenho foi queimado de propósito, foi uma ação proposital estive lá e vi porque em volta do engenho estava tudo limpo, já tivemos tantos incêndios e nunca atingiu o engenho, ali no engenho foi uma ação criminosa, então você ver que o Estado tem suas irresponsabilidades para com o parque e tudo tem que ser provocado. Agora hoje tá lá apenas um segurança, tinha oito seguranças tiraram seis e ficaram dois, aí você pega dois seguranças que restaram em forma de revezamento fica um por dia só na guarita, e toda uma área 96 hectares a Deus dará, sem segurança, tanto é que já houve assalto a mão armada, e roubos de fiação, não tem mais a segurança da noite, o parque está desse jeito e toda essa beleza e as riquezas estão se acabando por causa do descaso do Governo do Estado por falta de atitude”.

Angelita- “Muita desorganização, onde existe muita desorganização as coisas desanda, porque nem só nós que fomos antigos proprietários achamos assim triste, um quadro muito negativo, muito negativo, porque aquele patrimônio tem uma história, uma bela história, e eu acho que foi a gente na ilusão de vamos vender que seria até bem melhor, e não foi no meu modo”.

É perceptível a indignação dos antigos moradores acerca do descaso do Estado sobre os cuidados que deveriam ter com o Parque Estadual Sítio Fundão, relatando a falta de segurança para proteger a área, também demonstram insatisfação em relação não haver nenhuma homenagem ao senhor Jefferson da Franca Alencar, o patriarca da família, que tanto protegeu essa área ambiental, e por isso, almejavam que os cidadãos da cidade soubesse a história do antigo proprietário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das narrativas dos antigos moradores do Sítio Fundão identificamos que o sítio era visitado pelos moradores da cidade e da região, utilizado como fonte de lazer e na busca de alimentos, pois o sítio possui muitas árvores frutíferas, e plantas para fins medicinais. É importante destacar que a Universidade Regional do Cariri foi uma instituição que sempre corroborou e fomentou estudos científicos voltados para preservação e manutenção daquela propriedade, percebendo as riquezas naturais daquele lugar.

Em relação à manutenção das edificações históricas, se encontram atualmente em decadência, sendo essa obrigação do Estado manter essas edificações restauradas, pois a degradação das mesmas contribui para o esquecimento da história local, e dos antigos proprietários, que mesmo após a venda do sítio se preocuparam em preservar e manter viva a memória do patriarca da família, como também sua contribuição dentro da questão ambiental.

Destacando à necessidade de mais pesquisas científica sobre o Parque Estadual Sítio Fundão, pois esse possui um acervo ambiental rico em biodiversidade, para assim trazer várias fontes de como a reserva é de suma importância, tanto para a preservação de diversas espécies de plantas e de animais como para a população e para possíveis atividades de educação ambiental.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, E. F. **O declínio da população rapadeira no município de Crato.** Revista Hytayera, nº11, Crato, 1986, p.74-79.

DIAS, C. R. **Seu Jefferson e o Sítio Fundão. Exemplo perfeito de união entre o homem e sua ambiência.** Ceará News, Crato, n.5, p. 24- 25, 1996.

FERNADES, P. A. S; VIEIRA, R. S.; PINHEIRO, M. A. FÉ MOURA, M. M. **Proposta de Educação Ambiental no Parque Estadual Sítio Fundão (Crato -CE) como ênfase na flora nativa.** Revbea, São Paulo- SP, v.12 nº4, p. 207- 218, 2017.

GUERRA. R. **No sertão: aula para salvar o Fundão.** Revista TV Escola. Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC, Brasília, N. 16, P.18-19, ago/set, 1999.

LEMOS, C. **História da Casa Brasileira.** São Paulo, Editora Contexto, S/D, p. 32.

SECULT, Secretaria de Cultura. Governo do Estado do Ceará. Fortaleza, 2012.

SILVA, A. L. **O Caldeirão da Santa Cruz do deserto: ensino de História e educação Patrimonial.** 2018. f.179 (Dissertação em Mestrado para Profissional do Ensino da História). Universidade Regional do Cariri. Crato- CE. 2018.

SILVA, E. P.; PEREIRA, M. F. G. **Mata do Fundão: um santuário ecológico no sopé da Chapada do Araripe.** 2005.

PEREIRA, N. C. **Políticas Públicas Para A Formação De professores: Resignificação Da Prática pedagógica.** 2009. 92f. (Monografia de Conclusão de Curso) Passo Fundo- RS. 2009.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.